

Suicídio entre os Anestesiologistas

12/12/84
Senhor Editor:

Conforme atribuições dos membros do Conselho Editorial da RBA, eu estava resumindo um artigo sobre uso inadequado de anestésicos voláteis, quando fui surpreendida com a notícia da morte de um colega por uso indevido de halotano.

Por esse motivo, decidi escrever ao Editor da RBA sobre o assunto, em vez de simplesmente resumir o artigo. Esse artigo trata do emprego indevido de anestésicos voláteis por pessoal ligado a hospitais. Os autores descrevem quatro casos que atenderam e citam mais 12, publicados em revistas diversas sobre o emprego de anestésicos por viciados ou com fins suicidas. Desses 16 casos o halotano foi empregado em 15 e o enflurano em um. O enflurano foi empregado por uma enfermeira, por aplicação tópica, para tratamento de um herpes simples labial.

Ela foi encontrada morta. Dos 15 casos nos quais foi empregado o halotano, em três foi usada a ingestão oral, com dois óbitos. Em um caso foi usada a via venosa, também com êxito letal. Um indivíduo empregou o método da máscara aberta e 10 inalaram o agente. A idade variou de 18 a 48 anos, com predomínio do sexo masculino. O suicídio foi causa determinada em 4; o abuso por viciados ocorreu em 3.

Nos demais, o motivo do uso da droga não foi detectado, pois faleceram sem contar. A maioria dos indivíduos trabalhava em hospitais, sendo um anestesista. O quadro clínico variou pouco nos vários casos, uma vez que a maioria foi encontrada morta ou em coma. O exame anatomopatológico mostrou edema agudo de pulmão, não somente naqueles que inalaram o halotano como naqueles que injeriram o produto e no que injetou na veia. O enflurano não deu alterações anatomopatológicas; foi encontrado apenas um nível elevado do agente na pele, estômago, sangue e pulmão. Os autores citam várias publicações relacionadas com o uso de anestésicos voláteis, gasosos ou venosos por viciados ou para fins suicidas. O uso de óxido nítrico para obtenção de um estado de euforia já faz parte do enedotário médico e anestésico. Várias seqüelas neurológicas já foram descritas decorrentes desse abuso.

Em nosso meio faltam publicações a respeito, devido a problemas éticos ou de outra natureza. Entretanto, creio que tenho o direito, ou obrigação de relatar os casos de meu conhecimento, por observação pessoal ou por informação. São seis casos de suicídio de colegas com halotano, suicídio em senso lato, uma vez que, pelo menos em um deles, a intenção de se suicidar não foi compro-

vada. Talvez o colega fosse um viciado que tenha exagerado na dose inalada. Desses colegas cinco eram anestesistas. Conheço também dois colegas anestesistas viciados em halotano, um em fentanil e a esposa de um colega em tricloroetileno. Levantei, de maneira incompleta, os casos de tentativa de suicídio, bem sucedidas ou não, de meu conhecimento. São 25 casos, com óbito em 24. Desse total, em 21 casos foram usados anestésicos (20 fatais); em dois, drogas auxiliares de anestesia (curare todos fatais); em um, cloreto de potássio (óbito), em outro, cianeto (óbito). Todos eram estudantes de medicina ou médicos. Eu estive envolvida de algum modo com a maioria deles: como médica, tratei de vários; como docente, ensinei aos estudantes e médicos como os anestésicos podem matar; como colega da Universidade, facilitei, inadvertidamente o acesso à droga; como médica, docente, colega, amiga não consegui detectar os sintomas e sinais de distúrbios psicológicos e psíquicos nos meus companheiros.

Eu tenho a convicção que poderíamos auxiliar na profilaxia do suicídio e no tratamento dos viciados, se pudéssemos, e isso é fato concreto, empregar um pouco do nosso tempo em um relacionamento mais aberto, espontâneo e amigo com nossos companheiros de trabalho, deixando de lado por algum tempo os aspectos políticos-associativos-científicos-financeiros de nossa especialidade. Cada um de nós tem uma parcela de culpa em cada caso que ocorre. Por falta de tempo, desinteresse, egoísmo, ignorância, desamor. Gostaria que os colegas meditassem um pouco sobre isso, por exemplo durante as "Jo-Mês". Acredito por, outro lado que a SBA e seus sócios têm obrigação, de um modo racional e frio, de vigiar a utilização e distribuição de anestésicos e drogas potencialmente fatais ou que levam ao vício. De um modo mais afetivo e humano, poderemos, individualmente, prestar mais atenção aos companheiros, tentar conhecer suas necessidades, entender suas angústias para tentar detectar suicidas em potencial e viciados em plena atividade.

Atenciosamente

Eugesse Cremonesi, TSA
Rua Joaquim Piza, 38
01528 - São Paulo, SP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Yamashita M, Matsuki A, Oyama T – Illicit use of modern volatile anesthetics. *Canad Anaesthe Soc J*, 1984; 31: 76 - 79.